

Torres, Carolina Moreira

*Xenófanes de Colofão: a natureza divina como limite para o conhecimento*

# ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

## **XENÓFANES DE COLOFÃO: a natureza divina como limite para o conhecimento humano**

Carolina Moreira Torres  
Cefet-RJ

---

**RESUMO:** O presente artigo trata da importância histórica do filósofo pré-socrático Xenófanes de Colofão no que diz respeito ao seu pioneirismo em importantes reflexões epistemológicas derivadas de sua preocupação com a natureza divina. Tais reflexões levaram-no a ser considerado precursor da Escola Eleática, tradição que inclui Parmênides e cujo legado é disputado por grandes sábios como Platão e Górgias.

**PALAVRAS-CHAVES:** Xenófanes; deuses; Escola Eleática; conhecimento.

**RÉSUMÉ:** Cet article concerne l'importance historique du philosophe présocratique Xénophane de Colophon en ce qui concerne ses pionnières réflexions épistémologiques dérivées de sa préoccupation avec la nature divine. Ces réflexions l'emmenèrent à être considéré le précurseur de l'École Élématique, tradition qui inclut Parménide et dont l'héritage est contesté par des grands savants tels que Platon et Gorgias.

**MOTS-CLÉS:** Xénophane; dieux; l'École Élématique; connaissance.

---

Xenófanes de Colofão é uma figura controversa. Dificilmente encontramos concórdia entre os comentadores tanto no que diz respeito à interpretação de seus fragmentos como no que concerne a quem ele foi: seus eventos biográficos e sua importância histórica. Contemporâneo de Anaximandro, Xenófanes viveu no momento que costumamos datar a transição do pensamento mítico-religioso, transmitido pela poesia clássica, ao surgimento da filosofia, que instaura um novo olhar sobre a natureza. No entanto, tem a característica especial de ter sido, ao mesmo tempo, fortemente influenciado por Homero e Hesíodo, pois era rapsodo e recitava seus poemas, e pela primeira tradição de filósofos, chamados filósofos da natureza, que ficou conhecida como Escola de Mileto, da qual Anaximandro faz parte.

Torres, Carolina Moreira

*Xenófanes de Colofão: a natureza divina como limite para o conhecimento*

Trata-se, portanto, de um personagem histórico capaz de apresentar de maneira bastante completa as questões que marcaram este contexto.

De acordo com Cornford<sup>1</sup>, no cenário grego de então, há três personagens que apresentam diferentes relações com o divino: o vidente, o poeta e o filósofo. O vidente prevê o futuro, o poeta se ocupa da visão imaginativa do passado, e o filósofo tem a intuição de fatos auto-evidentes que se tornam premissas nas quais ele baseia seus raciocínios e descobertas. Antes dos filósofos, os videntes eram responsáveis pela interpretação dos augúrios que anunciavam as intenções dos deuses, enquanto as histórias sobre a natureza destes e as origens do mundo ficavam por conta dos poetas. Assim, na sociedade grega, a teologia especulativa era independente dos interesses oficiais dos sacerdotes. Isso deu espaço para que os primeiros filósofos de Mileto surgissem e pudessem afirmar o caráter divino da natureza enquanto substância única e viva imanente ao universo. Eles passaram, então, a buscar para suas questões respostas sustentadas em observações sobre o mundo material, não mais entendido apenas como a instância capaz de prover o sustento, se assim permitissem os deuses, mas como a base investigativa sobre a qual deveriam ser aplicados os fundamentos lógicos e inteligíveis do pensamento para que fosse possível compreender o universo.

Influenciado tanto pelas teorias cosmológicas e cosmogônicas dos milésios quanto pela poesia que recitava, e levando muito a sério seu papel didático e educativo, Xenófanes percebeu que se as novas teorias dos filósofos da natureza estivessem corretas, a teologia de Homero e Hesíodo precisava ser reformulada. Assim, ele assumiu seu papel de poeta e, ao contrário de apenas repetir, passou a criticar a teologia homérica e hesiódica:

Desde o princípio todos têm aprendido segundo Homero (B10), mas Homero como Hesíodo atribuíram aos deuses/ tudo quanto entre os homens é infâmia e vergonha/ roubar, raptar e enganar mutuamente (B11)<sup>2</sup>.

Podemos perceber, então, que o surgimento do pensamento filosófico não está associado a uma perspectiva de natureza que se oponha ao sobrenatural, nem ao nascimento da razão em um mundo que, envolto em crenças religiosas, seria anterior a ela, mas a uma perspectiva que parte do afastamento do homem de si mesmo para observar a natureza com

---

<sup>1</sup> CORNFORD, F. M. *Principium Sapientiae – As Origens do Pensamento Filosófico* - Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1989, pág. 99.

<sup>2</sup> Os fragmentos de Xenófanes aqui citados foram traduzidos por Fernando Santoro e se encontram em SANTORO, F. *Parmênides e Xenófanes, fragmentos*, Coleção Filósofos Épicos I - Hexis, Rio de Janeiro 2001.

Torres, Carolina Moreira

*Xenófanes de Colofão: a natureza divina como limite para o conhecimento*

base nela própria. Este afastamento requer como condições um desenvolvimento material e político que libere o homem da busca pelo útil e da crença em seu governante como um deus, e implica uma mudança na auto-perspectiva humana como criatura divina ou quase divina. De acordo com Nietzsche, os gregos consideravam que o homem era a verdade e o núcleo das coisas, e compreendiam a natureza inteira como metamorfose de homens-deuses. Com isso, a filosofia, nas palavras de Tales, propõe uma mudança radical de paradigma: “*Não é o homem, mas a água a realidade das coisas*”<sup>3</sup>. Assim, passam a ser relativizados os cultos onde fosse possível se tornar *enthèos*, ou seja, tomado pelos deuses<sup>4</sup>.

Neste contexto, Mileto era um importante centro comercial e político, onde diferentes culturas co-existiam de maneira harmônica. Logo, além da mudança de perspectiva trazida pela filosofia da natureza, a influência de diversas tradições míticas também contribuiu para a relativização dos mitos. Ao mesmo tempo em que o afastamento do homem de si mesmo corresponde a um afastamento de sua relação com os deuses, os deuses também passam por um processo de desumanização e deixam de lado a forma do homem e sua psicologia, tornando-se entidades impessoais.

Neste processo é necessário reconhecer a importante participação de Xenófanes, pois uma de suas mais famosas contribuições versa, de forma pioneira e crítica, sobre o antropomorfismo dos deuses:

Os etíopes <dizem que seus deuses> são negros de nariz chato  
os trácios <dizem serem> de olhos verdes e ruivos. (DK B16)

Mas se tivessem mãos os bois, <os cavalos> e os leões,  
quando pintassem com as mãos e compusessem obras como os homens,  
cavalos como cavalos, bois semelhantes aos bois  
pintariam a forma dos deuses e fariam corpos  
tais como fosse o próprio aspecto <de cada um>. (DK B15)

Xenófanes chegou ainda à conclusão de que a deusa do arco-íris era, na verdade, um fenômeno natural:

---

<sup>3</sup> NIETZSCHE, F. – *A Filosofia na Era Trágica dos Gregos*, Hedra, 2008, pág. 46.

<sup>4</sup> O culto a Baco é um exemplo onde esta crença se apresenta. A arte clássica mostra colunas com máscaras do deus feitas de folhagens. Xenófanes faz referência a essa prática no fragmento B17: “*fincam <bacos> de pinho em torno da casa firme*”. De acordo com Guthrie é possível que os pinheiros que decoravam a cena ritual fossem também chamados de Baco. O que ele acredita que provavelmente tenha sido observado por Xenófanes de forma crítica, estranhando um “*deus em forma vegetal*”. (GUTHRIE, W.K.C. *Principium Sapientiae – As Origens do Pensamento Filosófico* - Fundação Calouste Gulbenkian, 1989. pág. 372).

Torres, Carolina Moreira

*Xenófanes de Colofão: a natureza divina como limite para o conhecimento*

Aquela que chamam Íris, também é nuvem em sua natureza,  
deixa-se ver púrpura, rubra e verde. (DK B32)

Nosso personagem pode ser considerado um dos principais exemplos quanto à artificialidade das barreiras classificatórias que separam poetas e filósofos na antiguidade clássica. De acordo com Guthrie, Xenófanes é o único cujos fragmentos estão presentes tanto entre os filósofos pré-socráticos de Diels, como na antologia lírica de Diehl. Alguns comentadores não aceitam que possamos tratar dele como filósofo e alegam principalmente a diferença entre ele e os milésios. De fato, suas considerações não demonstram um interesse focado em filosofia da natureza, apesar de ter tecido considerações a esse respeito. Acreditamos que seu principal interesse era apresentar uma poesia que sugerisse uma relação plausível com a divindade, não contraditória com as novas descobertas filosóficas. Na busca por compreender a natureza divina, Xenófanes acaba sendo levado a questionar-se acerca do conhecimento humano: a que tipo de coisas ele pode ter acesso, quais são seus limites? Assim, é no campo da epistemologia que ele acaba por desenvolver suas contribuições mais relevantes.

As características que Xenófanes atribui ao divino, visando elucidar sua natureza, tornam-se paradigmáticas para a epistemologia. É com base nelas que ele esclarece as limitações humanas. Façamos uma breve análise dos fragmentos que nos restaram sobre este tema:

Os mortais acreditam que os deuses são gerados, que, como eles, se vestem e tem voz e corpo (B14).

um único deus, entre deuses e homens o maior, em nada semelhante aos mortais nem no corpo, nem no pensamento (B23).

Inteiro vê, Inteiro pensa, Inteiro também escuta (B24).

Sempre permanece no mesmo lugar sem nada mover, e não lhe convém ir ora para lá, ora para cá (B26).

Mas sem esforço tudo vibra com o coração do pensamento (B25).

O fragmento B14 poderia nos levar a um deus incorpóreo, porém de acordo com Guthrie esta perspectiva deve ser eliminada porque não há nada na tradição que sugira que Xenófanes estivesse tão à frente de seu tempo para ter alcançado a noção de um ser incorpóreo. Por isso, desde os comentadores mais antigos este fragmento é associado ao B24,

Torres, Carolina Moreira

*Xenófanes de Colofão: a natureza divina como limite para o conhecimento*

donde da inteireza do deus se infere que “sendo similar em todas as direções ele é esférico” (MXG – A28). Segundo esta interpretação o deus de Xenófanes tem um corpo formal limitado, mas nada sabemos sobre se ele tinha ou não uma natureza material.

O fragmento B24 é também muito comumente associado ao B23 gerando a interpretação, já por muitos endossada, de que o deus além de esférico e eterno, porque ingênito (B14), seria também único. Esta perspectiva atribui a Xenófanes o pioneirismo do monismo ocidental. Porém, esta é uma conclusão duvidosa, já que o aposto que segue a afirmação da unidade do deus faz a seguinte ressalva: “entre deuses e homens o maior”, o que sugere antes uma hierarquia, onde este deus teria uma posição superior, do que sua exclusividade quanto à característica divina, que excluiria os demais deuses dessa categoria indo de encontro ao politeísmo grego. Outra possível conclusão quanto à associação de B23 a B24, se refere ao modo de conhecimento do deus, pois já que este deus não é “em nada semelhante aos mortais, nem no corpo nem no pensamento” (B23) e “inteiro vê, inteiro pensa, inteiro também escuta” (B24), podemos entender que enquanto os homens têm uma compreensão parcial e fragmentada das coisas e apreendem a realidade através de vários órgãos diferentes e separados, cada um responsável por um tipo de percepção sensível, o deus de Xenófanes apreende a realidade por todo seu corpo, sem mediação de órgãos ou de qualquer outra coisa, e de forma inteira e completa. Uma interpretação que o identifique ao cosmos deixará claro que ele é a própria realidade.

Os últimos fragmentos nos mostram que este deus também tem papel fundamental no funcionamento do universo, pois “sem esforço tudo vibra com o coração do pensamento” (B25). E ainda que possa vir a ser compreendido como responsável pelo movimento de todas as coisas, ele, em si mesmo, é imóvel (B26). Através deste fragmento podemos sugerir este deus como uma espécie de antecipador do primeiro motor imóvel de Aristóteles.

Temos então um deus uno, esférico, eterno, de pensamento e percepções perfeitas, imóvel e movente de todas as coisas. Esta concepção acerca da divindade é claramente uma forte influência para Parmênides em seu poema *Sobre a Natureza*, quando ele trata dos sinais daquilo que é.

O modo de conhecer divino é um dos raros pontos de convergência entre os comentadores de Xenófanes. Através dos fragmentos B23 e B24, onde ele afirma que o deus não é “em nada semelhante aos mortais, nem no corpo, nem no pensamento”, e que “inteiro vê, inteiro pensa, inteiro também escuta”, tanto Guthrie como Jaeger chegaram à conclusão de que o ser divino é capaz de apreender as coisas sem os órgãos da percepção. Esta também foi

Torres, Carolina Moreira

*Xenófanes de Colofão: a natureza divina como limite para o conhecimento*

a conclusão de Lescher, Hermann Frankel, e outros, que afirmam também que Xenófanes compara o poder da mente humana com uma deidade suprema, e por isso percebe os limites do conhecimento humano: em vista da ausência no homem das capacidades cognitivas atribuídas a deus.

De acordo com esta perspectiva, seria a partir de então que Xenófanes pôde afirmar:

E ao certo nenhum homem sabe coisa alguma  
nem há de saber algo sobre os deuses nem sobre o todo de que falo;  
pois se na melhor das hipóteses, ocorresse-lhe dizer algo perfeito,  
ele mesmo, no entanto, não saberia; opinião é o que se cria sobre tudo  
(B34).

Esta é uma das passagens mais famosas dentre as atribuídas a nosso filósofo. Ao analisá-la, geralmente os comentadores se dividem entre três possibilidades interpretativas: a primeira defende que neste fragmento Xenófanes pretendia mostrar que todas as coisas são inapreensíveis pela inteligência humana e que o conhecimento é inalcançável. A segunda defende que, com esta afirmação, Xenófanes não está abolindo a possibilidade de apreensão humana da realidade, apenas está julgando que esta apreensão não pode ser considerada conhecimento, mas sim opinião. A terceira sugere que Xenófanes teria dividido dois âmbitos da realidade, sobre um deles, a saber: o particular, os homens poderiam ter um conhecimento, ainda que não de forma absoluta, e sobre o outro apenas opiniões.

Os primeiros dão ênfase ao primeiro verso do fragmento B34: “nenhum homem sabe coisa alguma”, e acreditam que para Xenófanes o conhecimento seria inapreensível. De acordo com eles, Xenófanes teria sido o precursor do *ceticismo*, corrente filosófica segundo a qual “não há critério capaz de, quando aplicado, converter a mera conjectura em uma verdade evidente e plenamente confiável”<sup>5</sup>. A posição cética chegou a admitir que nosso filósofo não saberia quando estava falando a verdade e quando não estava, do mesmo modo como não saberia se estivesse com uma barra de ouro nas mãos ou com um outro objeto qualquer, caso se encontrasse em uma casa escura. Esta situação nos é apresentada em um trecho de Sexto Empírico:

Como se nos representássemos que em uma casa, onde se encontram muitas coisas preciosas, vários procurassem, às escuras, o ouro; cada um pensaria ter encontrado o ouro, mas contudo não o saberia com

---

<sup>5</sup> LESHER, J.H. – “Os Primórdios do Interesse pelo Conhecimento”, in: LONG, A.A. *Os Primórdios da Filosofia Grega – Idéias e Letras*, 2008, pág. 299.

Torres, Carolina Moreira

*Xenófanes de Colofão: a natureza divina como limite para o conhecimento*

certeza, mesmo que o tivesse realmente encontrado. Da mesma maneira, os filósofos entram neste mundo, como em uma grande casa, para procurar a verdade; mesmo que eles a encontrassem, contudo, não poderiam saber se realmente a encontraram (Sexto Empírico)<sup>6</sup>.

De acordo com a interpretação cética, Xenófanes teria antecipado o paradoxo do *Ménon* apresentado por Platão, segundo o qual não é possível procurar conhecer o que não se conhece, pois não teríamos como saber pelo que procurar, nem saberíamos ter encontrado, caso tivéssemos.

A segunda interpretação dá ênfase aos últimos versos do fragmento, que nos mostram que caso nos ocorresse dizer uma coisa perfeita, isto seria apenas uma opinião, porque não temos meios de afirmar com certeza que estávamos dizendo a verdade. Contudo, uma opinião mais verossímil sempre se mostrará melhor. De acordo com esta perspectiva, esta passagem tem o intuito de nos mostrar que não podemos descartar a possibilidade de estarmos errados, por mais que tenhamos boas razões para acreditarmos que estamos certos. Mas as opiniões não são em nada desprezíveis em relação ao conhecimento, pois sempre podem se aproximar dele. Esta posição é a mais aceita entre os comentadores e aponta a semelhança entre as melhores opiniões e a verdade. Outro fragmento de Xenófanes testemunha em favor desta hipótese:

Os deuses de início não mostram tudo aos mortais,  
mas os que investigam, com o tempo, descobrem o melhor. (B18)

De acordo com Guthrie, seria justamente ao que é descoberto como melhor que Xenófanes se refere no fragmento B35:

Que tais coisas sejam consideradas semelhantes às reais... (B35)

Na versão de Guthrie este mesmo fragmento se apresenta da seguinte maneira<sup>7</sup>:

Desejamos que se acreditem nessas coisas (ou se opinem sobre elas) como se assemelhassem à verdade.

---

<sup>6</sup> SOUZA, J. C. *Os Pré-Socráticos*. Coleção Os Pensadores - Abril Cultural, 1973, pág. 77.

<sup>7</sup> GUTHRIE, W. K. C., *op.cit.*, pág. 374.

Torres, Carolina Moreira

*Xenófanes de Colofão: a natureza divina como limite para o conhecimento*

A terceira interpretação postula que Xenófanes teria separado um âmbito da realidade que o homem seria capaz de conhecer e outro que não. De acordo com ela, seu pensamento estabelece um contraste entre a experiência direta sensível, que proporcionaria a certeza, e os objetos de conhecimento sobre os quais apenas deus poderia estar seguro. Esta posição é defendida por Hermann Frankel. Para ele, as considerações epistemológicas de Xenófanes teriam sido alcançadas a partir de um forte empirismo.

Em seu artigo *Xenophanes' empiricism and his critique of knowledge*, Frankel<sup>8</sup> faz uma análise dos termos gregos do fragmento B34 procurando entendê-los da forma como aparecem em textos mais antigos, como os de Heródoto, que estão mais próximos de Xenófanes no tempo do que Platão e Aristóteles. A partir de então, investiga a relação do termo *eidos* com o termo *oída* que corresponde a “eu vejo, eu sou testemunha”, e diferentemente de Platão que entende *autós oúk oíden* como “ele mesmo não sabe”, Frankel traduz essa passagem por “não sabe realmente isso através da experiência (ou como testemunha ocular)”. Da mesma forma ele procede quanto a outros termos e compreende o fragmento da seguinte maneira:

E o que é certo, nenhum homem nunca discerniu, assim como nunca haverá alguém que saiba com respeito aos deuses, bem como da totalidade de qualquer coisa que eu diga. Mesmo que alguém tivesse sucesso sobre todos os outros em articular o que é realmente presente, ele continuaria sem ter nenhum conhecimento de sua própria experiência (De tudo há uma opinião ilusória). (DK B34).

De acordo com Frankel, Xenófanes só considerava como certo e verdadeiro aquele conhecimento que fosse alcançado empiricamente, e opunha o real, a visão e o conhecimento direto à opinião e à suposição, que para ele não levavam à certeza genuína. Dessa forma, as coisas que o homem não pode experimentar, como a natureza divina, e talvez também “a totalidade de qualquer coisa dita”, somente poderiam ser conhecidas por deus, enquanto as coisas experimentáveis seriam acessíveis aos homens. Assim, “*a presença visível dos fósseis em certos lugares era algo “conhecido”, mas a teoria das eras úmidas e secas, que Xenófanes buscou sobre isso, era exclusivamente opinião de um ser humano*”<sup>9</sup>. Assim,

---

<sup>8</sup> FRANKEL, H. – “Xenophanes' Empiricism and His Critique of Knowledge” in: MOURELATOS, A. - *The Presocratics: A Collection of Critical Essays*, Anchor Press Doubleday, 1974, págs. 118-31.

<sup>9</sup> Aristóteles atribui a Xenófanes ter tomado a terra como causa material de sua cosmologia. Porém, de acordo com Alexander Mourelatos, há na teoria da natureza de Xenófanes uma “confusa abundância



Torres, Carolina Moreira

*Xenófanes de Colofão: a natureza divina como limite para o conhecimento*

Frankel conclui que as considerações epistemológicas de Xenófanes seriam uma consequência de seu empirismo radical. Para ele, a percepção de que o conhecimento humano se referia somente ao que fosse dado pela experiência particular, teria levado Xenófanes a entender que era impossível ao homem alcançar a verdade absoluta. Por isso ele teria inaugurado a divisão do mundo em duas instâncias: a *sensível* que serviria de base ao conhecimento humano conjectural e a *supra-sensível* governada por um deus uno, soberano e perfeito acerca do qual ninguém poderia ter um conhecimento certo e verdadeiro.

Sem poder decidir qual das três interpretações melhor corresponde ao pensamento de Xenófanes, contentamo-nos em ressaltar que esta primeira separação entre *opinião humana* e *conhecimento divino* já em Xenófanes teria encontrado consequências. A partir dela outra importante divisão é inferida: a que separa *verdade* e *aparência*, já que o conhecimento divino é verdadeiro e as opiniões humanas são apenas *semelhantes* ao que é real.

Com base nestas considerações podemos perceber que a influência de Xenófanes sobre os filósofos posteriores tem força e importância impressionantes. Especialmente sobre Parmênides, que teria levado essas divisões às últimas consequências, separando o caminho da verdade e o caminho das opiniões em seu poema *Sobre a Natureza*. No primeiro caminho, Parmênides reuniu as idéias de *Ser, Unidade, Eternidade, Esfericidade, Imobilidade e Verdade*. No segundo, tratou das *Opiniões* dos homens sobre o cosmos, onde há *Geração, Corrupção, Multiplicidade e Movimento*. Não podemos deixar de apontar que estas antíteses também são muito caras ao pensamento de Platão, e também a relação estabelecida entre as noções de *ente, unidade e totalidade*. Por conta disso, quando Platão, no *Sofista*, resolve elencar aqueles que primeiro determinaram a quantidade e a natureza dos entes fundamentais,

---

de movimentos” sobre os quais *terra e água* se responsabilizam juntas. O movimento de fluxo e refluxo forma e reforma constantemente o contorno da terra e a distribuição da água sobre e sob a terra. Isso explica o subir e descer das marés e também a possibilidade de que áreas que estiveram abaixo da água se movam para um nível mais alto, e após secarem venham a expor fósseis de vida marinha. De acordo com Mourelatos, “Xenófanes pensa que está a processar-se uma mistura da terra com o mar, e que, com o tempo, a terra será dissolvida pela umidade. Afirma ele que as provas que possui são do seguinte teor: encontram-se conchas em terra firme e nas montanhas, e nas pedreiras de Siracusa, diz ele que foi encontrada a marca de um peixe e de algas, enquanto, em Paros, se descobriu a marca de uma folha de loureiro no interior de uma rocha, e em Malta, formas achatadas de objetos marinhos de toda a espécie. Isto, prossegue ele, produziu-se, quando tudo a muito estava coberto de lodo, e as marcas secaram com ele. Toda a espécie humana é destruída, sempre que a terra é arrastada para o fundo do mar e em lodo se converte; então, uma outra geração recomeça, e todos os mundos têm esse tipo de princípio”. (Hipólito A33) em GUTHRIE, W. K. C., *op. cit.* pág. 387 e também em KIRK, G. S., RAVEN, J. E., SCHOFIELD, M. – *Os Filósofos Pré-Socráticos*, Fundação Calouste Gulbenkian, 2008, pág. 182.

Torres, Carolina Moreira

*Xenófanes de Colofão: a natureza divina como limite para o conhecimento*

em uma espécie de primeira história da filosofia, ele nomeia Xenófanes como precursor da Escola Eleática:

Entre nós, os Eleatas, vindos de Xenófanes, e mesmo de antes dele, admitem que o que chamamos Todo é um único ser, e assim o representam em seus mitos (PLATÃO, *Sofista*, 242d).

## Conclusão

Enquanto aos primeiros filósofos de Mileto – em parte seus contemporâneos - são atribuídas preocupações voltadas aos fenômenos físicos e à natureza, Xenófanes, sem deixá-las de lado, voltou-se aos problemas de caráter teológico e epistemológico. Desta maneira, teve importante papel crítico sobre a educação transmitida pela tradição poética e também sobre a crença popular, e abriu caminho para as investigações sobre os limites do conhecimento, que mais tarde, através da figura de Sócrates, se legitimaram como marca fundamental de uma postura filosófica.

Alguns comentadores se recusam a reconhecê-lo como filósofo, por não compreenderem que a importância de seu pensamento não se encontra em uma doutrina completamente formada, mas sim na originalidade de suas reflexões, nas dúvidas que levantou e nos caminhos que apontou para serem investigados. “Considerada como seminal, sua importância filosófica é grande”<sup>10</sup>. Sua influência inegável sobre o pensamento de Parmênides coloca-o, ainda que de forma polêmica, como referência precursora de uma escola de pensamento revolucionária.

Admitimos que o interesse que principalmente o motivava provavelmente advinha das questões teológicas. Estas se apresentaram a ele através da poesia clássica que recitava, da influência das novas teorias dos filósofos da natureza e do contexto histórico que reunia na Grécia uma grande diversidade cultural. Para nós, e de acordo com Cornford, como Xenófanes era um poeta, era seu papel contar as histórias sobre o surgimento do cosmos e sobre a natureza dos deuses. Ao observar que as novas teorias cosmológicas e cosmogonias dos pensadores de Mileto se contrapunham aos ensinamentos da poesia clássica que recitava, Xenófanes foi levado a questionar a teologia de Homero e Hesíodo, e a partir daí tornou-se

---

<sup>10</sup> GUTHRIE, W.K.C. *op. cit.*, pág. 401.

Torres, Carolina Moreira

*Xenófanes de Colofão: a natureza divina como limite para o conhecimento*

filósofo. Desenvolveu suas considerações primeiro de forma crítica, buscando apontar as inconsistências da crença popular advindas da tradição poética e também das representações dos deuses baseadas nas particularidades de cada etnia; depois, de maneira construtiva, buscando soluções para as questões que levantou. No entanto, logo percebeu os limites de sua capacidade de alcançar e expressar o que fosse de fato certo sobre o real, tanto no que diz respeito a deus quanto a todas as coisas (B34). Sobre esta constatação estabeleceu suas considerações epistemológicas que compreendiam o pensamento humano por contraposição ao divino, inaugurando a separação entre conhecimento e opinião. Disso temos que, sem dúvida, foram as contribuições epistemológicas, às quais ele chegou a partir de sua teologia, que tiveram maior peso histórico.

### Referências bibliográficas

- BORNHEIM, G. *Os Filósofos Pré-Socráticos*. Cultrix, São Paulo, 1967.
- CORNFORD, F. M. *Principium Sapientiae – As Origens do Pensamento Filosófico*. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1989.
- DIÓGENES LAÉRCIO. *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*, Tradução do grego de Mário da Gama Kury, UNB, Brasília, 2008.
- FRANKEL, H. *Xenophanes' Empiricism and His Critique of Knowledge*. In A. MOURELATOS. *The Presocratics: A Collection of Critical Essays* - Anchor Press, Doubleday, New York, 1974.
- GUTHRIE, W.K.C. *A History of Greek Philosophy I - The earlier Presocratics and the Pythagoreans* - Cambridge, Cambridge University Press, 2003.
- JAEGER, W. *La Teología de los Primeros Filósofos Griegos* – S.L. Fondo de Cultura Económica, México, 2000.
- KIRK, G. S., RAVEN, J. E., SCHOFIELD, M. – *Os Filósofos Pré-Socráticos*. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2008.
- LESHER, J.H. *Os Primórdios do Interesse pelo Conhecimento*. In: A.A. Long. *Os Primórdios da Filosofia Grega* – Idéias e Letras, Aparecida, São Paulo, 2008.
- LLOYD, G.E.R. *Le pluralisme de la vie intellectuelle avant Platon* In : A. LACK;
- LOUGUET, C. *Qu'est ce que la philosophie présocratique?* - Presses Universitaires du Septentrion, Villeneuve-d'Ascq, França, 2002 pág. 39-53.
- MOURELATOS, A. *The Cloud-Astrophysics of Xenophanes and Ionian Material Monism*. In: CURD, P. e GRAHAN, D. *The Oxford Handbook of Presocratic Philosophers*, Oxford, 2008.
- NIETZSCHE, F. *A Filosofia na Era Trágica dos Gregos*. Hedra, São Paulo, 2008.

Torres, Carolina Moreira

*Xenófanes de Colofão: a natureza divina como limite para o conhecimento*

PLATÃO. *Sofista*. Traduzido por Jorge Paleikat e João Cruz Costa, Coleção Os Pensadores Vol. III - Abril Cultural, São Paulo, 1972.

POPPER, K.R. *El mundo de Parmênides – Ensayos Sobre la Ilustración Presocrática* - Paidós, Buenos Aires, 1999.

SANTORO, F. *Parmênides e Xenófanes, fragmentos*, Coleção Filósofos Épicos I - Hexis, Rio de Janeiro, 2001.

SOUZA, J. C. *Os Pré-Socráticos*, Coleção Os Pensadores - Abril Cultural, São Paulo, 1973.